ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

Gabriel Soares Nascimento

A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS NA GUERRA

Resende
2019

Gabriel Soares Nascimento

A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS NA GUERRA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Ten Cel Geraldo Garcia do Amaral Júnior

Resende

2019

Gabriel Soares Nascimento

A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS NA GUERRA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

_____

Ten Cel Geraldo Garcia do Amaral Júnior

(Presidente/Orientador)

_____

_____

Resende
2019

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, pois sem ele, não teria chegado até aqui, aos meus pais Paulo Cesar e Marluce, por estarem ao meu lado em todos os momentos seja de vitória ou derrota, à minha querida irmã Camila, que também sempre esteve acompanhando minha jornada pela Academia e à minha noiva e futura esposa Julia, que junto com as pessoas supracitadas, foi uma pessoa de presença imprescindível. Dedico também ao Tenente Coronel Garcia, meu orientador, que pacientemente, orientou e supervisionou minhas atividades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por ter me dado oportunidade de ter ingressado na AMAN e de ter chegado até aqui e por ter me dado forças para continuar ao longo dessa difícil caminhada.

Agradeço também a minha família, principalmente meus pais e irmã, por estarem sempre comigo, nos momentos bons e nos ruins. Agradeço à minha noiva e futura esposa, Julia, por apesar das dificuldades, esteve sempre me apoiando e motivando a dar o meu melhor. Vocês são os grandes responsáveis por eu chegar onde cheguei.

Ao meu orientador, Tenente Coronel Garcia, por todo esforço, dedicação e paciência para sempre estar auxiliando na confecção deste trabalho, abrindo mão de horários de descanso para tal. Sem seu auxilio e orientações, este trabalho não seria possível.

RESUMO

A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS NA GUERRA

AUTOR: Gabriel Soares Nascimento
ORIENTADOR: Ten Cel Geraldo Garcia do Amaral Júnior

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi a força de 25.300 homens formada pela Marinha do Brasil, Exército e Força Aérea que lutaram ao lado das forças aliadas na Campanha Italiana da Segunda Guerra Mundial. Este estudo tem por objetivo analisar a atuação da FEB e seus heróis na guerra, o que se faz através de um estudo bibliográfico onde foram consultados autores como: Gilbert (2005), Vilela (2013), Rodrigues (2012), dentre outros, os quais fundamentaram a parte teórica deste trabalho. Assim sendo, problematiza-se a questão: como se deu a atuação da FEB na guerra e qual sua importância para a tomada de Monte Castelo? No dia 21 de fevereiro, após doze horas de combate, finalmente conquistaram Monte Castelo, o que foi fundamental pra o êxito da missão dos Aliados em reconquistar Roma. Assim sendo, observa-se a importância do tema para o meio militar, o qual é explanado neste estudo, sem, contudo, esgotá-lo. Ao final concluiu-se que a atuação da FEB foi fundamental para o sucesso dos Aliados.

Palavras-chave: FEB. Segunda Guerra Mundial. Batalha de Monte Castelo. Aliados. Atuação.

ABSTRACT

THE OPERATION OF THE BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE AND ITS HEROES IN WAR

AUTHOR: Gabriel Soares Nascimento
ADVISOR: Ten Cel Geraldo Garcia do Amaral Júnior

The Brazilian Expeditionary Force (FEB) was the force of 25,300 men formed by the Brazilian Navy, Army and Air Force who fought alongside allied forces in the Italian Campaign of World War II. This study aims to analyze the performance of the FEB and its heroes in the war, which is done through a bibliographic study where authors such as Gilbert (2005), Vilela (2013), Rodrigues (2012), among others, were consulted. the theoretical part of this work. Thus, the question is questioned: how was the FEB's role in the war and how important was it to the taking of Monte Castelo? On February 21, after twelve hours of combat, they finally conquered Monte Castelo, which was fundamental to the success of the Allied mission to reconquer Rome. Thus, we note the importance of the theme for the military environment, which is explained in this study, without exhausting it. In the end, it was concluded that the performance of the FEB was fundamental to the success of the Allies.

Keywords: FEB. Second World War. Battle of Monte Castelo. Allies. Acting.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **9**
1.1 OBJETIVOS 10
1.1.1 Objetivo geral **10**
1.1.2 Objetivos específicos **10**
2 REFERENCIAL TEÓRICO **11**
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO **12**
3.1 TIPOS DE PESQUISA 12
3.2 MÉTODOS 12
4 ASPECTOS GERAIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL **13**
5 A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL **17**
6 A BATALHA DE MONTE CASTELO **27**
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS **32**
REFERÊNCIAS **34**

1 INTRODUÇÃO

O estudo em questão aborda o assunto “A atuação da Força Expedicionária Brasileira e seus heróis de guerra” no que diz respeito aos aspectos relacionados à Batalha de Monte Castelo e a participação da FEB.

Segundo Rodrigues (2012), o Brasil foi um dos aliados da Segunda Guerra Mundial, sendo o único Aliado da América do Sul a fornecer tropas. O país fez contribuições significativas para o esforço de guerra, enviando uma força expedicionária para lutar ao lado dos aliados na Campanha Italiana. A Marinha do Brasil e a Força Aérea ajudaram os Aliados no Atlântico de 1942 até o final da guerra em 1945. Com a FEB o Brasil conquistou Monte Castelo, sendo a tomada do local de suma importância para o desfecho de sucesso da missão, quando então a Alemanha se retirou do teatro de operações, dando vitória aos Aliados.

De acordo com Beevor (2004), após tentativas infrutíferas de conquista dos Apeninos, Monte Castelo passou a ser um desafio. Assim, no dia 21 de fevereiro de 1945, o ataque coordenado levado a efeito pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária transformou-se no primeiro combate bem-sucedido naquela campanha. Superando os rigores do inverno, a resistência do inimigo e as dificuldades impostas pelo terreno a bandeira brasileira passou a tremular naquele local.

A importância que a conquista desse objetivo representou para o prosseguimento das operações das forças aliadas foi muito grande, Monte Castelo serviu para demonstrar a coragem, a determinação e a fibra dos “pracinhas”, perpetuando o inquestionável valor do soldado brasileiro (BEEVOR, 2004).

Rodrigues (2012) afirma que os soldados que fizeram parte da FEB durante a Segunda Guerra Mundial demonstraram extrema bravura, no entanto, ocorreram muitas baixas, devido ao pouco preparo e aos poucos ~~falta~~ de investimentos do governo, chegando o número de mortos em combate em mais de dois mil e de mais de doze mil mutilados.

Ao retornarem para casa, os problemas financeiros e psicológicos marcaram a vida destes heróis, os quais deram seu sangue em Batalha. No ano de 1963 criou-se as Associações Nacionais dos Veteranos da FEB (ANVFEB), a qual tem por objetivo apoiar os ex combatentes (RODRIGUES, 2012).

A participação da FEB durante a Segunda Guerra Mundial, e em especial da Batalha de Monte Castelo foi de grande importância para que os Aliados pudessem avançar e assim reconquistar Roma, vencendo os alemães naquele território.

Desta forma é pertinente a formulação da seguinte pergunta: Qual a importância da FEB na tomada de Monte Castelo?

Beevor (2004) afirma que, mesmo com as adversidades encontradas pelos pracinhas da FEB durante a Segunda Guerra Mundial, a qual incluía tempo ruim, falta de equipamentos, pressão psicológica, dentre outras, ainda assim os mesmos foram heróis ao tomarem Monte Castelo. O local era de grande importância tática, o qual serviria como base para que as tropas Aliadas avançassem em direção à Alemanha e tal feito somente foi possível devido à atuação dos pracinhas da FEB. Assim sendo pode-se levantar as seguintes hipóteses: A atuação da FEB foi de grande importância para os Aliados, pois se a FEB não obtivesse êxito na tomada de Monte Castelo o avanço das tropas Aliadas seria dificultado ou não se concretizaria, o que colocaria em risco o sucesso da missão.

Justifica-se este projeto devido ao fato de que os pracinhas que fizeram parte da FEB na Segunda Guerra Mundial são, nos dias atuais, considerados verdadeiros heróis. A tomada de Monte Castelo foi o ponto chave e estratégico da missão, a qual oportunizou que as forças Aliadas obtivessem sucesso em sua missão na Itália, demonstrando assim os atos heroicos de todo o contingente da FEB.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a atuação da FEB e seus heróis na guerra.

1.1.2 Objetivos específicos

Apresentar um histórico da Segunda Guerra Mundial e da Batalha de Monte Castelo;
Estudar a participação da FEB na guerra e os atos heroicos dos participantes;
Analisar a importância da participação da FEB na Batalha Monte Castelo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Rodrigues (2012), a Segunda Guerra Mundial, ocorrida durante os anos de 1939 a 1945, foi um conflito internacional que aconteceu na Europa, onde de um lado estavam os países do Eixo, principalmente, Alemanha, Japão e Itália, e do outro lado os países aliados, com maior destaque para os Estados Unidos, França e Inglaterra.

Diante desse conflito, o Brasil manteve-se neutro até o ano de 1942, quando submarinos alemães afundaram navios mercantes brasileiros o que desencadeou uma declaração de guerra aos países do Eixo e a aliança com os países aliados. Assim, fez-se necessário a organização de um contingente brasileiro que iria combater em solo italiano, tropas do exército alemão. Para esse contingente deu-se o nome de Força Expedicionária Brasileira – FEB (RODRIGUES, 2012).

Porém, de acordo com Beevor (2004), para que a participação desse efetivo fosse relevante para as operações dos países aliados era necessário levar em consideração a importância de diversos fatores, como a mobilização e o preparo da tropa brasileira, bem como adaptar-se a uma nova doutrina. Sendo assim, o comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Gilbert, teve que realizar um planejamento visando esses fatores para que a FEB tivesse excelentes resultados no campo de batalha.

De acordo com Dourado (2004), a questão sobre a quantidade e seleção do efetivo para compor a FEB era algo que preocupava o alto-comando do Exército à época. A mobilização do pessoal era uma tarefa muito difícil, devido a falta de efetivo a disposição e onerosa, também, devido à capacidade da economia brasileira na época, que era reduzida.

Para Gilbert (2005), após resolver o problema de seleção de pessoal para compor a FEB, o comando agora tinha que tratar de outro problema, o adestramento da tropa brasileira. Diversos imprevistos fizeram com que as instruções da tropa brasileira sofressem atrasos ou fossem feitas de forma incompleta. Um desses empecilhos foi a mudança do material bélico, fazendo com que fossem realizadas instruções das mais elementares.

> Antes da Segunda Guerra mundial, o Exército Brasileiro adquiria a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa o que significa afirmar que não havia, entre os reservistas convocados e os soldados aproveitados na FEB, elementos que houvessem visto, pelo menos, o material que utilizariam. Mesmo entre os oficiais, aqueles que conheciam constituíram uma minoria insignificante. Daí a necessidade do adestramento militar ter de começar pelo que havia de mais elementar na instrução individual. (Gilbert, 2005, p.29).

Os armamentos e equipamentos foram um entrave para a instrução no Brasil, visto que esses eram antigos, diferentes daqueles que iriam ser empregados na Itália e em número insuficiente para atender a demanda (GILBERT, 2005).

Segundo Vilela (2013), para que os Aliados pudessem alcançar a cidade de Bolonha, era preciso romper a Linha Gótica: um complexo defensivo dos alemães, formado por fortificações nos montes Apeninos. Se conseguissem romper a Linha Gótica, os Aliados poderiam utilizar uma estrada conhecida como Rota 64. Era essencial que os aliados tomassem Bolonha para conter os avanços alemães em direção a França e obter a vitória definitiva na Frente Italiana. O Monte Castelo ficava localizado ao caminho de Bolonha, tomado pelos alemães, era uma localidade estratégica importantíssima.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica do tipo descritiva onde foram consultados livros e artigos em banco de dados eletrônico a respeito do tema. Para Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa descritiva ocorre “quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los”.

3.2 MÉTODOS

Para a elaboração do trabalho foi desenvolvido um estudo de natureza qualitativa, descritiva, através da utilização de bibliografia de autores de reconhecimento acadêmico.

A pesquisa desenvolveu-se no período de setembro/18 a março/19. Foram pesquisados materiais em bancos de dados eletrônico, livros e artigos científicos de sites da internet pelo Google acadêmico. Para a pesquisa adotou-se os seguintes descritores: FEB. Segunda Guerra Mundial. Batalha de Monte Castelo. Aliados. Atuação.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite contribuir para a pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação do que foi concluído, quanto à discrepância são muito importantes, para saber quais são as variáveis do problema em questão.

4 ASPECTOS GERAIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Segundo Gilbert (2005), a instabilidade criada na Europa pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) preparou o terreno para outro conflito internacional, a Segunda Guerra Mundial, que eclodiu duas décadas depois e se mostraria ainda mais devastadora. Elevando-se ao poder em uma Alemanha economicamente e politicamente instável, Adolf Hitler e seu Partido Socialista Nacional (Partido Nazista) rearmaram a nação e assinaram tratados estratégicos com a Itália e o Japão para promover suas ambições de dominação mundial. A invasão da Polônia por Hitler, em setembro de 1939, levou a Grã-Bretanha e a França a declarar guerra à Alemanha, e a Segunda Guerra Mundial havia começado. Nos próximos seis anos, o conflito levaria mais vidas e destruiria mais terras e propriedades em todo o mundo do que qualquer guerra anterior. Entre os estimados 45-60 milhões de pessoas mortas, 6 milhões de judeus foram assassinados em campos de concentração nazistas, como parte da “Solução Final” diabólica de Hitler, hoje conhecida como Holocausto.

A devastação da Grande Guerra (como a Primeira Guerra Mundial era conhecida na época) desestabilizou enormemente a Europa e, em muitos aspectos, a Segunda Guerra Mundial cresceu a partir de questões não resolvidas pelo conflito anterior. Em particular, a instabilidade política e econômica na Alemanha, e o ressentimento persistente sobre os duros termos impostos pelo Tratado de Versalhes, alimentaram a ascensão ao poder de Adolf Hitler e seu Partido Nacional-Socialista (nazista) (GILBERT, 2005).

Depois de se tornar chanceler do Reich em 1933, Hitler rapidamente consolidou o poder, ungindo-se Führer (líder supremo) em 1934. Obcecado com a ideia da superioridade da

raça “pura” alemã, que ele chamou de “ariano”, Hitler acreditava que a guerra era a única maneira de obter o necessário “Lebensraum”, ou espaço vital, para que essa corrida se expanda. Em meados da década de 1930, ele começou o rearmamento da Alemanha, em segredo e em violação do Tratado de Versalhes. Depois de assinar alianças com a Itália e o Japão contra a União Soviética, Hitler enviou tropas para ocupar a Áustria em 1938 e no ano seguinte anexou a Tchecoslováquia. A agressão aberta de Hitler não foi controlada, já que os Estados Unidos e a União Soviética estavam concentrados na política interna da época, e nem a França nem a Grã-Bretanha (as outras duas nações mais devastadas pela Grande Guerra) estavam ansiosas pelo confronto (GILBERT, 2005).

De acordo com Beevor (2004), no final de agosto de 1939, Hitler e o líder soviético Joseph Stalin assinaram o Pacto de Não Agressão entre a Alemanha e a União Soviética, que provocou um frenesi de preocupação em Londres e Paris. Hitler havia planejado uma invasão da Polônia, uma nação à qual a Grã-Bretanha e a França tinham garantido o apoio militar se ele fosse atacado pela Alemanha. O pacto com Stalin significava que Hitler não enfrentaria uma guerra em duas frentes, uma vez que ele invadisse a Polônia, e teria assistência soviética na conquista e divisão da própria nação. Em 1 de setembro de 1939, Hitler invadiu a Polônia pelo Oeste; dois dias depois, a França e a Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha, começando a Segunda Guerra Mundial.

Em 17 de setembro, as tropas soviéticas invadiram a Polônia pelo Leste. Sob ataque de ambos os lados, a Polônia caiu rapidamente e, no início de 1940, a Alemanha e a União Soviética haviam dividido o controle sobre a nação, de acordo com um protocolo secreto anexado ao Pacto pela Não-Agressão. As forças de Stalin passaram a ocupar os estados bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) e derrotaram uma Finlândia resistente na Guerra Russo-Finlandesa. Durante os seis meses seguintes à invasão da Polônia, a falta de ação por parte da Alemanha e dos Aliados no Ocidente levou a falar na mídia de uma “guerra falsa”. No mar, no entanto, as marinhas britânicas e alemãs enfrentaram em uma batalha acirrada, os submarinos alemães de submarinos letais atacaram navios mercantes com destino à Grã-Bretanha, afundando mais de 100 embarcações nos primeiros quatro meses da Segunda Guerra Mundial (BEEVOR, 2004).

Em 9 de abril de 1940, a Alemanha invadiu simultaneamente a Noruega e ocupou a Dinamarca, e a guerra começou a sério. Em 10 de maio, as forças alemãs invadiram a Bélgica e a Holanda no que ficou conhecido como “blitzkrieg”, ou guerra de raios. Três dias depois, as tropas de Hitler cruzaram o rio Meuse e atingiram as forças francesas em Sedan, localizada no extremo norte da Linha Maginot, uma elaborada cadeia de fortificações construída após a

Primeira Guerra Mundial e considerada uma barreira defensiva impenetrável. De fato, os alemães romperam a linha com seus tanques e aviões e continuaram para a retaguarda, tornando-a inútil. A Força Expedicionária Britânica (FEB) foi evacuada pelo mar de Dunquerque no final de maio, enquanto no Sul as forças francesas montaram uma resistência condenada. Com a França à beira do colapso, Benito Mussolini, da Itália, colocou seu Pacto de Aço com Hitler em ação, e a Itália declarou guerra contra a França e a Grã-Bretanha em 10 de junho (BEEVOR, 2004).

Em 14 de junho, as forças alemãs entraram em Paris; um novo governo formado pelo marechal Philippe Petain (herói da França na Primeira Guerra Mundial) solicitou um armistício duas noites depois. A França foi posteriormente dividida em duas zonas, uma sob ocupação militar alemã e outra sob o governo de Petain, instalada em Vichy. Hitler agora voltou sua atenção para a Grã-Bretanha, que tinha a vantagem defensiva de ser separada do continente pelo Canal da Mancha (BEEVOR, 2004).

Para abrir o caminho para uma invasão anfíbia (apelidada de Operação Leão Marinho), os aviões alemães bombardearam a Grã-Bretanha extensivamente durante o verão de 1940, incluindo ataques noturnos em Londres e outros centros industriais que causaram pesadas baixas civis e danos. A Royal Air Force (RAF) acabou derrotando a Luftwaffe (Força Aérea Alemã) na Batalha da Grã-Bretanha, e Hitler adiou seus planos de invadir. Com os recursos defensivos da Grã-Bretanha ao limite, o primeiro-ministro Winston Churchill começou a receber ajuda crucial dos EUA sob o Lend-Lease Act, aprovado pelo Congresso no início de 1941 (BEEVOR, 2004).

Gilbert (2005) afirma que no início de 1941, Hungria, Romênia e Bulgária se juntaram ao Eixo, e as tropas alemãs invadiram a Iugoslávia e a Grécia em abril. A conquista dos Bálcãs por Hitler foi um precursor de seu verdadeiro objetivo: uma invasão da União Soviética, cujo vasto território daria ao mestre alemão a raça do “Lebensraum” de que precisava. A outra metade da estratégia de Hitler era o extermínio dos judeus de toda a Europa ocupada pelos alemães. Os planos para a “Solução Final” foram introduzidos por volta da época da ofensiva soviética e nos três anos seguintes mais de 4 milhões de judeus pereceriam nos campos de extermínio estabelecidos na Polônia ocupada.

Em 22 de junho de 1941, Hitler ordenou a invasão da União Soviética, codinome da Operação Barbarossa. Embora os tanques e aviões soviéticos superassem em muito os alemães, sua tecnologia aérea era em grande parte obsoleta, e o impacto da invasão surpresa ajudou os alemães a chegarem a 320 quilômetros de Moscou em meados de julho. Argumentos entre Hitler e seus comandantes atrasaram o próximo avanço alemão até outubro,

quando foi paralisado por uma contraofensiva soviética e o início do inverno rigoroso (GILBERT, 2005).

Com a Grã-Bretanha enfrentando a Alemanha na Europa, os Estados Unidos eram a única nação capaz de combater a agressão japonesa, que no final de 1941 incluía uma expansão de sua guerra com a China e a tomada de propriedades coloniais europeias no Extremo Oriente. Em 7 de dezembro de 1941, 360 aviões japoneses atacaram a principal base naval americana em Pearl Harbor, no Havaí, pegando os americanos completamente de surpresa e reivindicando a vida de mais de 2.300 soldados. O ataque a Pearl Harbor serviu para unificar a opinião pública americana a favor da entrada na Segunda Guerra Mundial e, em 8 de dezembro, o Congresso declarou guerra ao Japão com apenas um voto contrário. A Alemanha e os outros Poderes do Eixo prontamente declararam guerra aos Estados Unidos (GILBERT, 2005).

Depois de uma longa série de vitórias japonesas, a Frota do Pacífico dos EUA venceu a Batalha de Midway em junho de 1942, o que provou ser um ponto de virada na guerra. Em Guadalcanal, uma das Ilhas Salomão do sul, os Aliados também tiveram sucesso contra as forças japonesas em uma série de batalhas de agosto de 1942 a fevereiro de 1943, ajudando a mudar a maré ainda mais no Pacífico. Em meados de 1943, as forças navais aliadas iniciaram um contra-ataque agressivo contra o Japão, envolvendo uma série de ataques anfíbios em importantes ilhas de origem japonesa no Pacífico. Essa estratégia de “salto na ilha” foi bem-sucedida e as forças aliadas se aproximaram de seu objetivo final de invadir a pátria japonesa (GILBERT, 2005).

Beevor (2004) afirma que no norte da África, as forças britânicas e americanas derrotaram os italianos e alemães em 1943. Uma invasão aliada da Sicília e da Itália se seguiu e o governo de Mussolini caiu em julho de 1943, embora os aliados que lutavam contra os alemães na Itália continuassem até 1945.

Na Frente Oriental da Segunda Guerra Mundial, uma contraofensiva soviética lançada em novembro de 1942 encerrou a sangrenta Batalha de Stalingrado, que havia presenciado alguns dos combates mais violentos da guerra. A aproximação do inverno, acompanhada da redução de alimentos e suprimentos médicos, soletraram o fim das tropas alemãs lá, e o último deles se rendeu em 31 de janeiro de 1943 (BEEVOR, 2004).

Em 6 de junho de 1944 – comemorado como “Dia D” - os Aliados iniciaram uma invasão maciça da Europa, pousando 156.000 soldados britânicos, canadenses e americanos nas praias da Normandia, na França. Em resposta, Hitler despejou toda a força restante de seu exército na Europa Ocidental, garantindo a derrota da Alemanha no Leste. As tropas

soviéticas logo avançaram para a Polônia, Tchecoslováquia, Hungria e Romênia, enquanto Hitler reunia suas forças para expulsar os americanos e britânicos da Alemanha na Batalha de Bulge (dezembro de 1944 a janeiro de 1945), a última grande ofensiva alemã da guerra (BEEVOR, 2004).

Um bombardeio aéreo intensivo em fevereiro de 1945 precedeu a invasão da Alemanha às terras aliadas, e quando a Alemanha se rendeu formalmente em 8 de maio, as forças soviéticas ocuparam grande parte do país. Hitler já estava morto, tendo cometido suicídio em 30 de abril em seu bunker de Berlim (BEEVOR, 2004).

Segundo Gilbert (2005), na Conferência de Potsdam, em julho e agosto de 1945, o presidente dos EUA, Harry S. Truman (que assumiu o cargo após a morte de Roosevelt em abril), Churchill e Stalin discutiram a guerra em curso com o Japão e o acordo de paz com a Alemanha. A Alemanha do pós-guerra seria dividida em quatro zonas de ocupação, a serem controladas pela União Soviética, Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Sobre a questão divisiva do futuro da Europa Oriental, Churchill e Truman concordaram com Stalin, pois precisavam da cooperação soviética na guerra contra o Japão.

Fortes baixas sofridas nas campanhas de Iwo Jima (fevereiro de 1945) e Okinawa (abril-junho de 1945), e temores de uma invasão de terras ainda mais onerosa do Japão levaram Truman a autorizar o uso de uma nova e devastadora arma – a bomba atômica – as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki no início de agosto. Em 15 de agosto, o governo japonês divulgou uma declaração declarando que aceitaria os termos da Declaração de Potsdam e, em 2 de setembro, o general Douglas MacArthur aceitou a rendição formal do Japão a bordo do USS Missouri na Baía de Tóquio (GILBERT, 2005).

A Segunda Guerra Mundial provou ser o conflito internacional mais devastador da história, tirando a vida de cerca de 35 a 60 milhões de pessoas, incluindo 6 milhões de judeus que morreram nas mãos dos nazistas. Mais milhões foram feridos e ainda mais perderam suas casas e propriedades. O legado da guerra incluiria a disseminação do comunismo da União Soviética para a Europa Oriental, bem como seu eventual triunfo na China, e a mudança global de poder da Europa para duas superpotências rivais – os Estados Unidos e a União Soviética – que logo se enfrentam na Guerra Fria (GILBERT, 2005).

5 A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Segundo Stafford (2015), no Brasil, em junho de 1940, o presidente Getúlio Vargas já havia informado ao embaixador alemão que o Brasil pretendia manter sua independência,

apesar da conhecida aversão de Vargas ao sistema democrático e ao apelo que ele pessoalmente sentia pelos estados totalitários. Outros estados, como a Argentina, foram divididos em suas lealdades. O Chile, o Uruguai e o Panamá (dos países de língua espanhola, somente o Panamá entrou em uma declaração de guerra) simpatizavam com o campo americano, mas os Estados Unidos tiveram que colocar todo o continente de lado.

Para tanto, o Presidente Franklin Roosevelt estabeleceu o Comitê Interamericano Financeiro e Econômico, com sede no Panamá. Em seguida, várias conferências foram realizadas no Panamá, no Rio de Janeiro e em Washington, D.C., para resolver as diferenças entre os membros. A Conferência de Chapultepec, realizada no México, resultou em um acordo que estabeleceu as bases da futura cooperação dos estados americanos. Com Nelson A. Rockefeller como seu coordenador para assuntos interamericanos, o presidente Roosevelt emprestou dinheiro aos estados latino-americanos, aumentou as importações deles para os Estados Unidos e enviou técnicos americanos para modernizar a economia dos vários países (STAFFORD, 2015).

Os alemães fizeram muito para empurrar o Brasil para o campo americano. Os ataques de submarinos na costa do Brasil afundaram vários navios brasileiros e mataram mais de 600 de seus cidadãos, incluindo mulheres e crianças. Após o ataque japonês a Pearl Harbor, o presidente Vargas decidiu honrar os compromissos de sua nação com os Estados Unidos e, em janeiro de 1942, rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, o Japão e a Itália (STAFFORD, 2015).

De acordo com Roberts (2006), a Marinha do Brasil imediatamente tomou medidas para proteger seus navios enquanto a Força Aérea realizava patrulhas no mar para detectar submarinos inimigos. Várias bases militares brasileiras foram cedidas aos Estados Unidos para usos semelhantes. O naufrágio dos navios brasileiros continuou, no entanto, com mais uma dúzia de navios em agosto de 1942. Vargas e seu governo tiveram bastante provocação a essa altura e, no mesmo mês, declararam guerra à Alemanha e à Itália.

Levou mais tempo para o Brasil decidir como contribuir para o esforço de guerra aliado. Preocupações de que as forças fascistas no norte da África, que se aproximavam muito do conforto do outro lado do Atlântico Sul, pudessem tomar algumas medidas agressivas contra o Brasil, mantiveram suas forças em casa de modo protetor. Mas com a invasão aliada do norte da África em novembro de 1942 e a eventual derrota das forças do Eixo, o Brasil passou a ter um papel mais ativo na guerra (ROBERTS, 2006).

Em 31 de dezembro de 1942, o presidente Vargas anunciou em um discurso que seu governo estava começando a “pensar nas responsabilidades de uma ação extracontinental”.

Essa ideia logo se transformaria na Força Expedicionária Brasileira, que lutaria ao lado dos Aliados na Itália em 1944 e 1945 (ROBERTS, 2006).

As primeiras medidas concretas foram tomadas em uma conferência entre os presidentes Roosevelt e Vargas em Natal, no nordeste do Brasil, em 28 de janeiro de 1943. Lá os dois chefes de estado concordaram que o Brasil faria alguma contribuição física para o esforço aliado de guerra além de proteger suas próprias fronteiras. Naquele mês de março, o presidente Vargas divulgou uma "Explicação de Motivos", escrita anteriormente pelo ministro da Guerra, na qual ele propôs a organização de uma força expedicionária para lutar fora do continente. Assim nasceu a Força Expedicionária Brasileira, ou FEB (ROBERTS, 2006).

Embora a ideia tenha se consolidado, ainda havia problemas dentro do próprio Brasil. Havia elementos fortes dentro do governo de Vargas que se opunham à participação do Brasil na guerra contra as potências do Eixo. Depois, houve o problema de organizar, treinar, equipar e equipar tal força. Havia também a necessidade de infundir no povo brasileiro a vontade de lutar uma guerra no Velho Mundo, que estava longe e muitas vezes ressentida por facções da população. Mas Vargas e seus seguidores começaram campanhas para superar cada um desses obstáculos, por sua vez, e no outono de 1943 ele realizou seu objetivo. A FEB consistiria em grande parte de uma única divisão de infantaria baseada no modelo americano contemporâneo. Para criar tal unidade, as unidades militares brasileiras existentes seriam consolidadas nas formações de combate necessárias. Assim, os três regimentos de infantaria foram formados a partir de unidades espalhadas pelo Brasil. O 1º Regimento de Infantaria, ou Regimento Sampaio, veio do distrito militar do Rio de Janeiro. O 6º Regimento de Infantaria, ex-Regimento Ipiranga, veio do estado de São Paulo. O 11º Regimento de Infantaria era conhecido anteriormente como o Regimento de Tiradentes e veio do Estado de Minas Gerais. A maior parte da artilharia era formada a partir de unidades baseadas no Rio de Janeiro e em São Paulo (ROBERTS, 2006).

O 9º Batalhão de Engenheiros da unidade veio de Aquidauana, estado do Mato Grosso, enquanto o Esquadrão de Reconhecimento foi formado a partir do 2º Regimento Mecanizado, sediado na cidade do Rio de Janeiro. O batalhão médico consistia em unidades baseadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 7 de outubro de 1943, o major-general João Baptista Mascarenhas de Moraes foi indicado para comandar as unidades reunidas (ROBERTS, 2006).

O general nasceu em São Gabriel, no estado do Rio Grande do Sul, em 1883, e aos 16 anos ingressou na Escola Militar do Rio Pardo como cadete. Ele então completou seu treinamento militar na Escola Militar Brasileira no Rio de Janeiro e foi comissionado como

segundo tenente. Mais tarde em sua carreira, ele conquistou o primeiro lugar na Escola de Treinamento Superior dos Oficiais e o terceiro lugar na Escola do Estado-Maior General; ambos os cursos foram dirigidos pela missão militar francesa. Ele continuou a subir em posição e responsabilidades até chegar ao posto mais alto de chefe da Força Expedicionária Brasileira (ROBERTS, 2006).

De acordo com Gilbert (2005), por muitos anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, os militares brasileiros foram instruídos por uma missão militar francesa. Todo o seu equipamento militar era europeu. Isso cessou com a rendição da França em 1940. Agora as forças brasileiras deveriam participar de uma guerra estrangeira com diferentes aliados, e novas táticas e técnicas, para não mencionar as habilidades organizacionais, tinham que ser aprendidas. Para este fim, o general Mascarenhas viajou para os Estados Unidos para aprender rapidamente as técnicas, a organização e os equipamentos militares americanos.

No Brasil, a transformação completa do FEB de uma organização europeia para uma americana levou muito tempo e muito esforço. Por exemplo, o FEB teve que ser motorizado, mais especialistas treinados e novos equipamentos introduzidos. O fuzil M1 Garand, a argamassa de 60 mm, a bazuca, a metralhadora leve de calibre 30, a pistola antitanque de 57 mm e as peças de artilharia de 105 mm, entre outros, eram desconhecidos dos brasileiros. Tudo isso tinha que ser adquirido, aprendido e depois implementado dentro da estrutura da unidade, que por sua vez estava mudando (GILBERT, 2005).

Recrutamento de pessoal, particularmente para os cargos de especialista, era difícil e demorado. Além disso, muitos de seus principais oficiais ainda estavam em treinamento nos Estados Unidos. Em dezembro, o general Mascarenhas viajou para a Itália com um grupo de observadores que assistiam à campanha italiana (GILBERT, 2005).

Em 28 de dezembro de 1943, Mascarenhas foi oficialmente nomeado comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1º DIE), e em janeiro, após seu retorno da Itália, assumiu o comando do FEB ainda em formação (GILBERT, 2005).

Enquanto isso, os brasileiros ainda estavam lutando para se converter de uma organização militar de orientação francesa para uma americana. Os manuais de treinamento do Exército dos EUA tiveram que ser traduzidos, métodos de treinamento adaptados aos padrões dos EUA e os oficiais e homens preparados fisicamente para o deslocamento para o exterior e os rigores do combate. Essa adaptação e treinamento continuaram por muitos meses, não muito diferente de uma divisão dos EUA que treinava em casa e, em abril de 1944, tornou-se evidente que o FEB estava sendo preparado para desdobramento no exterior. Essa implantação, no maior sigilo, começou no final de maio de 1944. Em três grupos

distintos, o 1º DIE foi transferido para pontos de embarque na costa brasileira e carregado em transportes. Logo eles estavam no mar no Atlântico, a caminho de um destino desconhecido (GILBERT, 2005).

Para Roberts (2006), descobriu-se que o destino era Nápoles, na Itália, onde a divisão se reunia em meados de julho de 1944. Aqui o primeiro grupo, comandado pessoalmente por Mascarenhas, foi recebido pelo tenente-general Jacob L. Devers, comandante das tropas americanas na Itália.

De fato, os brasileiros foram provavelmente mais bem-vindos do que sabiam. A Itália foi a única área de operação por quase um ano até que os Aliados, depois de uma série de campanhas extremamente difíceis, finalmente capturaram Roma em 4 de junho de 1944. Mas dois dias depois, a Itália se tornou uma área de operação secundária como as principais forças aliadas desembarcaram na França na Normandia (ROBERTS, 2006).

Em julho de 1944, os comandantes aliados na Itália estavam em uma luta desesperada para manter sua força, enquanto as forças estavam lenta, mas seguramente sendo drenadas para o noroeste da Europa. Além disso, outro grande pouso na costa sul da França estava marcado para agosto, e algumas das unidades e comandantes mais experientes da Itália estavam programados para partir para a operação. Assim, a chegada da nova Força Expedicionária Brasileira com seus 25.334 homens foi mais que bem-vinda (ROBERTS, 2006).

Os brasileiros imediatamente enfrentaram dificuldades. A condição médica de muitas das tropas brasileiras não estava de acordo com os padrões, seus uniformes eram inadequados para o clima da Itália e o despreparo geral da unidade apresentava problemas imediatos. Apesar das recomendações do grupo de observadores (que relataram que roupas mais pesadas e mais quentes, botas mais resistentes e outros itens eram necessários para permitir que as tropas de combate sobrevivessem no clima frio da região montanhosa da Itália central), pouco havia sido feito para fazer isso disponível para as tropas antes de sua chegada a Nápoles (ROBERTS, 2006).

De acordo com Beevor (23004), alertado para esses problemas por sua inspeção pessoal de suas últimas tropas, o tenente-general Mark W. Clark, comandante do Quinto Exército dos EUA ao qual os brasileiros foram designados, tomou medidas imediatas para corrigir as deficiências. Tomando o que os brasileiros precisavam das ações do Exército dos EUA, Clark os equipou o suficiente para permitir que participassem das próximas batalhas.

Mais treinamento também estava na agenda do 1º DIE. Embora as instalações de treinamento fossem poucas, os brasileiros usavam o que estava disponível e incluíam

esportes, marchas de treinamento e sessões de treinamento de fim-de-curso para se aclimatarem ao novo ambiente. No entanto, os relatórios que inspecionavam as autoridades médicas dos EUA tinham algumas coisas desagradáveis a dizer sobre a condição física de muitas das tropas brasileiras. Muitos sofriam de doenças facilmente evitáveis, enquanto outros sofriam de problemas dentários que, uma vez tratados, deixavam o soldado pronto para o combate. Estes foram todos abordados imediatamente pelo comando brasileiro (BEEVOR, 2004).

As relações entre os brasileiros e o quinto exército de Clark eram boas desde o início. Tendo várias outras nacionalidades já sob seu comando, Clark e sua equipe estavam acostumados a lidar com métodos, tradições e costumes desconhecidos. O general Mascarenhas sentiu que "a cordialidade espontânea e unânime com que os oficiais americanos da sede em Cecina tratavam seus camaradas brasileiros era evidente" (BEEVOR, 2004).

Mas os brasileiros não vieram à Itália para conhecer e receber novos amigos. Eles vieram para lutar e, depois de mais treinamento e atualização de equipamentos, é isso que Clark os designou para fazer. Com a perda de sete de suas divisões mais veteranas para a invasão do sul da França (Operação Dragoon), ele precisava de unidades de combate na frente para substituir os veteranos. Em agosto de 1944, Clark dispunha de duas novas divisões - a 92ª Divisão de Infantaria dos EUA (Colored) e a DIE de Mascarenhas. Ambos agora ele enviou para as linhas de frente ao longo do rio Arno, no norte da Itália e em combate (BEEVOR, 2004).

O primeiro a provar a batalha foi a 1ª Companhia, 9º Batalhão de Engenheiros, da 1ª DIE do Capitão Floriano Moller. Começando em 6 de setembro de 1944, estava operando uma das pontes do outro lado do rio Arno, sob o comando do general do major-general Willis D. Crittenberger, o IV Corpo dos EUA. Crittenberger anexou duas companhias de tanques americanas e um pelotão de comunicações ao 1º DIE, já que os brasileiros não tinham armadura própria e as comunicações com as unidades americanas precisavam de algum tipo de ligação entre os brasileiros e a sede americana (BEEVOR, 2004).

O General de Brigada Eurico Gaspar Dutra, no cargo de Ministro da Guerra e representando o governo brasileiro, assumiu a posição de ligação entre a Força Expedicionária Brasileira, que incluía muitas unidades de apoio fora do 1º DIE, além de recrutas de reforço para substituir baixas. Exército ao qual toda a força foi atribuída (BEEVOR, 2004).

Quando os primeiros brasileiros chegaram às linhas de frente, os alemães foram expulsos do rio e estavam recuando para a próxima grande linha defensiva, a Linha Gótica, no norte da Itália (BEEVOR, 2004).

Segundo Vilela (2007), atribuído para o Corpo dos EUA IV à esquerda (oeste) da linha Aliada, o FEB deveria cobrir a Rota 64, uma importante estrada que leva ao norte da Itália através de uma das poucas passagens nas altas montanhas da região. Os brasileiros estavam ao lado da 1ª Divisão Blindada dos EUA e da 6ª Divisão Blindada da África do Sul, junto com um grupo composto de infantaria conhecido como Task Force 45, formado por antigas unidades antiaéreas americanas convertidas apressadamente em batalhões de infantaria.

A primeira missão de combate dos brasileiros foi substituir tropas americanas nas linhas de frente. Foi o que fizeram no dia 14 de setembro, enviando a 6ª Equipe de Combate Regimental de Infantaria do Coronel João Segadas Vianna e permitindo que os cansados elementos do 370º Regimento de Infantaria e Força-Tarefa 45 se recuperassem atrás das linhas de frente. Enfrentando os brasileiros estava o XIV Exército alemão, que havia começado a lutar contra os aliados na Sicília há mais de um ano (VILELA, 2007).

As patrulhas brasileiras rapidamente verificaram que os alemães haviam recuado e, com a autoridade do General Crittenberger, o major João Carlos Gross transferiu seu 1º Batalhão, 6º Infantaria, até a linha Monte Comunale-Il Monte, seguido rapidamente pelo 2º. Batalhão do Major Abilio Cunha Pontes (VILELA, 2007).

Mas Mascarenhas ainda estava ansioso para testar suas tropas contra os alemães que defendiam seus territórios. Para fazer isso, ele planejou um avanço para uma nova linha de operações em torno da área de Camaiore-Monte Prano. Para chegar a esta área, o FEB teria primeiro que capturar Camaiore. Brigue. O general Euclydes Zenobio da Costa, comandante de infantaria da divisão, designou um grupo misto especial sob o comando do capitão Ernani Ayrose, do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, para atacar. Isso eles fizeram em 18 de setembro, apoiados por tanques dos EUA (VILELA, 2007).

Mas os tanques foram detidos por uma ponte destruída e o capitão Ayrosa os deixou para trás enquanto sua infantaria continuava avançando. Sob intenso fogo de artilharia e argamassa, a infantaria brasileira entrou em Camaiore e garantiu sua oposição contra a luz. Primeiro tenente Paulo Nunes Leal foi o primeiro homem na cidade, levando seus engenheiros de combate para limpar as minas alemãs e armadilhas. Logo atrás veio a sétima companhia do capitão Alvaro Felix, movendo-se rapidamente em jipes e caminhões. Combinado com outras ações naquele dia e no próximo pelo 2º Batalhão do Major Abilio, 6º de Infantaria, os brasileiros estavam agora enfrentando as posições avançadas da linha gótica (VILELA, 2007).

Em seguida, na lista do General Zenobio, estava o próprio Monte Prano. A partir dessas alturas, os brasileiros teriam melhor observação, negando aos alemães a mesma vantagem. Um ataque combinado de artilharia, tanques e infantaria foi lançado entre os dias 21 e 26 de setembro, e uma série de violentas ações de patrulha fizeram com que o tenente Mario Cabral de Vasconcellos alcançasse o pico com sua patrulha do 6º Regimento de Infantaria. Toda a ação custou aos brasileiros cinco mortos e 17 feridos (VILELA, 2007).

Logo, o capitão Alberto Tavares da Silva fez sua 2ª Companhia, 6ª Infantaria, viajar em caminhões abastecidos pelos americanos para as cidades de Massarosa e Bozzano, capturando as primeiras cidades na ofensiva brasileira. Às 14h22 de 16 de setembro, as primeiras rodadas de artilharia brasileira foram disparadas contra os alemães pela bateria do capitão Lobato, do Grupo de Artilharia de Campo. O Brasil estava agora na guerra (VILELA, 2007).

Segundo Beevor (2004), logo após essa primeira vitória, os brasileiros foram transferidos para o Vale do Serchio para substituir a 1ª Divisão Blindada dos EUA, que por sua vez foi transferida para outro setor da frente. Ainda ligando a frente do IV Corpo entre a 92ª Divisão de Infantaria e a Força Tarefa 45, o 3º Batalhão, 6º Infantaria, sob o comando do Major Silvino Nóbrega, substituiu o 3º Batalhão, 370º Regimento de Infantaria dos EUA, enquanto o resto do 6º se posicionou. O apoio na forma do 2º Batalhão, 1º Regimento de Argamassa Autopropulsada, sob o comando do Coronel Da Camino, seguiu imediatamente atrás da infantaria.

A escaramuça com a 42ª Divisão de Infantaria alemã começou imediatamente. Quando as fortes chuvas começaram em 1 de outubro de 1944, a infantaria brasileira, como a de todos os combatentes na Itália, foi prejudicada pelo terreno úmido, lamacento e difícil (BEEVOR, 2004).

Lentamente os brasileiros mantiveram um avanço no Vale do Serchio, capturando Fornaci e espancando um contra-ataque alemão. A inteligência reunida em patrulhas inspirou o general Zenóbio da Costa a pedir permissão ao general Crittenberger para lançar um ataque para tomar a estrada Gallicano-Barga. Quando a permissão foi recebida, os brasileiros se mudaram e, em 11 de outubro, ocuparam Barga (BEEVOR, 2004).

Gallicano foi abandonado pelos alemães, mas os brasileiros foram impedidos de ocupá-lo devido ao fogo pesado de artilharia que os alemães despejaram na cidade. As novas posições dos brasileiros dominaram a estrada, que era o objetivo deles. Enquanto isso, o 9º Batalhão de Engenheiros do Coronel José Machado Lopes trabalhou na melhoria das comunicações e rotas de abastecimento por trás do avanço do FEB (BEEVOR, 2004).

De acordo com Stafford (2015), em outubro, o ministro da Guerra brasileiro, General Eurico Dutra, visitou a Itália e as tropas brasileiras. Em sua turnê, ele observou que as tropas americanas e britânicas usavam um emblema que as diferenciava umas das outras. Ele perguntou por que as tropas brasileiras não tinham tal emblema, e o general Mascarenhas deu ao tenente-coronel Aguinaldo José Senna Campos, seu chefe de gabinete, 4ª Seção, a tarefa de criar um emblema para as tropas brasileiras.

General Clark, o comandante americano, também manifestou interesse em um emblema brasileiro único. Tomando a frase das tropas "A cobra está com raiva", o tenente-coronel Campos inventou uma insígnia que rapidamente recebeu a aprovação do comando superior. Ele mostrava uma cobra enrolada prestes a atacar (STAFFORD, 2015).

As patrulhas logo descobriram que as tropas inimigas em frente ao 1º DIE haviam sido substituídas. As substituições foram identificadas como tropas fascistas italianas da Divisão Monte Rosa. Mais uma vez os brasileiros pediram permissão para atacar. No final de outubro de 1944, toda a Divisão Brasileira estava na linha de frente (STAFFORD, 2015).

Mascarenhas adiou o ataque por alguns dias para permitir a chegada dos elementos de apoio da divisão. Esse ataque, lançado em 30 de outubro, conseguiu assegurar todos os objetivos iniciais e colocar os brasileiros a quatro quilômetros das principais defesas inimigas da Linha Gótica (STAFFORD, 2015).

Os alemães objetaram à proximidade dos brasileiros. Na madrugada de um dia chuvoso de 31 de outubro, eles contra-atacaram com força. Os brasileiros, surpresos com a ferocidade do ataque, não estavam preparados para enfrentá-lo. Acreditando que eles enfrentavam apenas forças italianas fracas, eles haviam relaxado a guarda. Como resultado, várias unidades brasileiras foram forçadas a recuar e os alemães estabeleceram pontos de apoio em duas das mais recentes conquistas brasileiras, as Colinas 906 e 1048 (STAFFORD, 2015).

Uma parte da 6ª Infantaria ficou sem munição e foi forçada a recuar, enquanto outra se viu quase cercada e conseguiu recuar apenas no último momento possível. A um custo de 13 mortos, 87 feridos, sete desaparecidos e 183 vítimas sem batalhas, os brasileiros sofreram seu primeiro revés na Itália. Mas eles mantiveram sua linha com apenas retiradas limitadas (STAFFORD, 2015).

Vilela (2013) afirma que eventos em outros lugares interromperam outras operações para o futuro imediato. Em uma conferência de comandantes convocada pelo general Clark em 29 de outubro, o general Mascarenhas soube que as divisões de infantaria americanas estavam exaustas, muito aquém da infantaria, e precisavam de descanso e reorganização antes

que a ofensiva pudesse ser renovada. Juntamente com o Quinto Exército, o Oitavo Exército britânico estava igualmente exaurido.

Para ajudar na renovação das unidades de subcomprimento, os brasileiros seriam solicitados a se mudarem novamente, desta vez para aliviar a 1ª Divisão Blindada dos EUA e uma parte da 6ª Divisão Blindada Sul-Africana para permitir que eles se movessem atrás das linhas para se reorganizar. Por enquanto, todo o grupo do exército iria na defensiva. Os planos eram renovar a ofensiva em dezembro, quando as tropas de assalto tivessem descansado e sido reforçadas (VILELA, 2013).

Satisfeito por ser chamado de membro da "Primeira Equipe" pelo General Clark, o General Mascarenhas logo se ocupou em transferir as unidades de infantaria, artilharia e quartel-general do 1º DIE para a área do Vale de Reno. Atrás deles, os 1º e 11º Regimentos de Infantaria da DIE continuaram a treinar, e o General Zenóbio da Costa retornou ao cargo de Chefe de Infantaria para supervisionar o treinamento, empregando sua experiência recentemente adquirida para aprimorar ainda mais esse treinamento (VILELA, 2013).

Na frente, o 6º Regimento de Infantaria teve que ser dividido para manter o controle do Vale do Serchio, enquanto outros elementos foram posicionados na área do Vale do Reno. Tanques do 751º Batalhão de Tanques dos EUA foram divididos entre os dois grupos. A empresa C do 701º Batalhão de Destruição de Tanques dos EUA também foi anexada aos brasileiros. O comando atual do setor do Vale do Serchio passou para o major-general Edward M. Almond, comandante da 92ª Divisão de Infantaria dos EUA. Enquanto esperavam para se transferir para o setor de Reno Valley, os brasileiros incorporaram cerca de 50 desertores italianos em suas próprias fileiras para compensar as perdas de combate que, até 31 de outubro, somavam 322, incluindo 13 mortos em ação e sete desaparecidos (VILELA, 2013).

De acordo com Gilbert (2005), a partir de 2 de novembro, os brasileiros foram substituídos no Vale do Serchio por elementos da 92ª Divisão. Nos cinco dias seguintes, os destacamentos brasileiros avançaram para o Vale do Reno e libertaram a 1ª Divisão Blindada dos EUA. Nos próximos três meses, os brasileiros defenderiam o Vale do Reno.

O General Mascarenhas tinha algumas preocupações sérias com a sua missão. Primeiro, ele teve que aliviar os americanos imediatamente e, portanto, anulou o pedido do Major Gross para atrasar o desdobramento do seu 1º Batalhão, 6a Infantaria, por um dia para permitir que ele descansasse e substituísse o equipamento necessário. Mais tarde isso se tornaria uma questão de alguma controvérsia no Brasil do pós-guerra, mas a decisão de Mascarenhas foi totalmente apoiada por cartas do General Crittenberger e do Coronel Dewey (GILBERT, 2005).

Em seguida, Mascarenhas foi encarregado de manter uma frente divisional com apenas uma equipe de combate regimental reforçada. Seus engenheiros estavam disponíveis como infantaria, e seu esquadrão de reconhecimento também estava disponível, mas dois de seus regimentos de infantaria ainda estavam treinando e sendo equipados atrás das linhas e, portanto, indisponíveis. Sua artilharia era adequada, assim como sua companhia de comunicações, mas suas experientes tropas da linha de frente estavam cansadas e sob sua força autorizada. Apenas o tempo poderia retificar sua situação, permitindo que suas unidades restantes completassem o treinamento e o equipamento antes de se juntar à divisão na frente (GILBERT, 2005).

Enquanto isso, suas ordens do Quinto Exército eram "continuar a substituição da 1ª Divisão Blindada dos EUA, manter contato com a 6ª Divisão Blindada da África do Sul (em posição a leste do rio Reno) e estar preparado para seguir o inimigo se ele recuasse" (GILBERT, 2005).

As duas primeiras semanas de novembro foram tranquilas no setor brasileiro. Em 8 de novembro, o Comandante do Grupo de Exércitos do 15º, o Marechal de Campo Sir Harold Alexander, foi almoçar com os Generals Crittenberger e Mascarenhas. Alguém parece ter convidado os alemães também, pois o grupo de alto-comando foi submetido a uma severa barragem de artilharia que eles escolheram ignorar enquanto terminavam o almoço. O marechal-de-campo Alexander depois, em tom de brincadeira, agradeceu ao General Mascarenhas pela barragem de artilharia disparada em sua homenagem (GILBERT, 2005).

Enquanto isso, atrás das linhas, o equipamento dos regimentos de infantaria remanescentes continuou a ficar para trás e, de fato, nunca alcançou as necessidades. No entanto, o 1º Regimento de Infantaria do Coronel Aquinaldo Caiado de Castro foi transferido para a frente em 19 de novembro e logo estava substituindo a 6ª Infantaria esgotada nas linhas de frente. Como era típico das táticas alemãs, assim que souberam da chegada do novo regimento, contra-ataques foram lançados para testar os novos homens. A 1ª Infantaria realizou todas as suas posições sem dificuldade (GILBERT, 2005).

6 A BATALHA DE MONTE CASTELO

Rodrigues (2012) afirma que foi atribuída à Task Force 45 a missão de capturar terreno adicional como um prelúdio para renovar a ofensiva em dezembro. Designados para ajudar no ataque estavam o 3º Batalhão, o 6º Regimento de Infantaria e o Esquadrão de Reconhecimento da divisão sob o comando do Capitão Flávio Franco Ferreira. O apoio de

artilharia foi fornecido pelo 2º Batalhão, 1º Regimento de Argamassa Autopropulsado. A Força-Tarefa 45 teve sucesso no ataque e logo enfrentou a fortaleza alemã no Monte Belvedere, que dava para a Rodovia 64. Isso iniciou um grande ataque brasileiro contra o vizinho Monte Castello.

Embora a divisão brasileira não possuísse um terço de suas unidades autorizadas, a IV Corps ordenou um ataque contra Monte Castello como outro movimento preliminar antes de retomar a ofensiva completa. O General Mascarenhas era agora responsável por manter a defesa do Vale do Reno, a ofensiva contra a área do Monte Castello-Monte Della Torraccia (Colinas 1027 e 1053), e tomar a cidade de Castelnuovo (RODRIGUES, 2012).

Para cumprir essas missões, ele não teve escolha a não ser chamar para a frente o regimento restante de sua divisão, o 11º Regimento de Infantaria do Coronel Delmiro Pereira de Andrade. Embora incompletamente treinado e equipado, era necessário que ele tomasse o seu lugar na frente (RODRIGUES, 2012).

Na verdade, no início de dezembro, o Quinto Exército inteiro foi fortalecido. Quatro divisões americanas no II Corpo do Major-General Geoffrey Keyes estavam prontas para renovar o ataque ao longo da Rodovia 65 para violar as defesas alemãs da Linha Gótica. O trabalho do General Crittenberger foi “manter a pressão contra o inimigo, dando continuidade à série de operações objetivas limitadas iniciadas anteriormente pelos brasileiros no setor Bombiana-Marano” (RODRIGUES, 2012).

O mau tempo e a falta de apoio aéreo aproximado causaram o primeiro de uma série de atrasos que continuaram no inverno. Mais tarde, em dezembro, quando a Batalha do Bulge começou na Bélgica e em Luxemburgo, o marechal-de-campo Alexandre ficou preocupado com um ataque similar na Itália que, sem dúvida, visaria o mais fraco de seus dois exércitos, o Quinto. Ele esperava que o ataque viesse no setor dos brasileiros ou na 92ª Divisão de Infantaria. O novo comandante do Quinto Exército, o major-general Lucian K. Truscott Jr. (Clark foi promovido ao comando do 15º Grupo de Exércitos), tomou medidas imediatas para colocar unidades de reserva atrás do IV Corpo de exército (RODRIGUES, 2012).

Apoiados pelo 13º Batalhão de Tanques da 1ª Divisão Blindada, e elementos do 751º Batalhão de Tanques e do 894º Batalhão de Tanques Destruidores, os brasileiros atacaram. Contra um batalhão estimado de infantaria alemã, o ataque em 29 de novembro imediatamente teve problemas quando um contra-ataque alemão no vizinho Monte Belvedere expulsou os americanos da colina principal e colocou uma forte força inimiga no flanco brasileiro (RODRIGUES, 2012).

Segundo Vilela (2013), decididos a renovar o ataque sob o manto das trevas, as forças brasileiras, lideradas pelo 1º Batalhão, 1º Regimento de Infantaria do Major Olivo Gondin de Uzeda, e 3º Batalhão da 11ª Infantaria do Major Cândido Alves da Silva, enfrentaram imediatamente terreno íngreme e resistência determinada, mas continuou para cima.

Coberto pela artilharia dirigida por Brig. Gen. Oswald Cordeiro de Faria, o avanço foi bem até cerca do meio-dia, quando o pesado fogo de artilharia, metralhador e artilharia do inimigo interrompeu o ataque. Os contra-ataques alemães logo se seguiram e os brasileiros expostos tiveram pouca escolha a não ser se aposentar. Eles sofreram 190 baixas no ataque matina (VILELA, 2013).

Os alemães buscaram o que consideraram uma vantagem e nos próximos dias contra-atacaram os brasileiros repetidamente. Em certo momento, o 1º Batalhão do Major Jacy Guimarães, 11º Infantaria, foi expulso de suas posições, mas o 3º Batalhão do Major Silvino Castor da Nóbrega, 6º Infantaria, rapidamente recuperou o terreno perdido (VILELA, 2013).

Segundo Gilbert (2005), com o alto-comando ainda determinado a renovar a grande ofensiva antes do ano novo, os brasileiros foram responsáveis por toda a massa do Monte Belvedere-Monte Della Torraccia. O general Mascarenhas, com seus comandantes de infantaria e artilharia e vários oficiais da equipe, fez um reconhecimento pessoal de toda a área para planejar o próximo ataque.

Ele decidiu que, sem homens suficientes para manter uma frente de 15 quilômetros e lançar um grande ataque ao mesmo tempo que ele atacaria Castello e, assim, isolar o Maciço Monte Belvedere-Monte Gorgolesco. Então, uma vez que as armas de apoio tivessem sido movidas para frente, ele renovaria o ataque ao próprio Belvedere. Fogo pesado de artilharia foi colocado nos alvos, e um grupo diversionista se formou para distrair os alemães. O ataque principal, a ser lançado em 12 de dezembro e liderado pelo general Zenóbio, seria realizado por um forte 1º Regimento de Infantaria (GILBERT, 2005).

As coisas não poderiam ter sido muito piores. O ataque começou em um nevoeiro espesso e chuva leve, e a visibilidade estava abaixo dos 50 metros. Embora algum progresso inicial tenha sido feito, as fortes dificuldades de fogo, lama e terreno do inimigo interromperam o ataque no meio da tarde. Outros 140 brasileiros se tornaram vítimas sem ganho para relatar (GILBERT, 2005).

No geral, os brasileiros perderam 1.000 homens em pouco mais de um dia de combate intenso. Esse fracasso logo seria um ponto de discórdia entre os líderes brasileiros e americanos no teatro, mas nada de sério aconteceu e as relações continuaram amigavelmente. Foi também nessa época que o alto-comando na Itália chegou à conclusão de que nada mais

poderia ser realizado durante o inverno italiano. Todos os contingentes foram aconselhados a ir até a defensiva até a primavera (GILBERT, 2005).

De acordo com Vilela (2013), nos 100 dias seguintes, apesar das péssimas condições climáticas, a divisão brasileira defendeu as montanhas enquanto aguardava melhor tempo e ordens para renovar o avanço. Já em fevereiro, os planos para esse avanço foram discutidos por comandantes de divisão e de corpo. Desta vez, os brasileiros seriam acompanhados por outra nova divisão americana, a 10ª Divisão de Montanha, sob o comando do major-general George P. Hays.

Os brasileiros entregaram as altas montanhas aos americanos, especialmente treinados para as guerras nas montanhas e no inverno, enquanto atacavam ao lado, novamente contra o Monte Castello. Coordenando seu ataque com os alpinistas de Hays, o 1º DIE atacou novamente em 21 de fevereiro de 1945, apoiado pela primeira vez por aeronaves tripuladas (VILELA, 2013).

Desta vez, batalhões do 1º e 11º Regimentos de Infantaria atacaram e, após uma luta feroz, conseguiram tomar Monte Castello no momento em que Belvedere caiu para os americanos vizinhos. Parabéns rapidamente derramaram do Generals Clark, Truscott, Crittenberger e outros. A última grande linha de defesas alemãs antes do vale do rio Po tinha sido quebrada (VILELA, 2013).

Os brasileiros finalmente se revelaram em uma grande operação e seriam novamente usados pelo Quinto Exército. Eles aliviaram a 10ª Divisão de Montanha no Monte Belvedere e depois lutaram em La Serra, Castelnuovo, no Vale do Marano e no Vale do Panaro, e na ofensiva da primavera (Operação Artesão) que rapidamente se transformou em uma tentativa de retirada das forças alemãs (VILELA, 2013).

O General Crittenberger enviou sua 34ª Divisão de Infantaria dos EUA e o 1º DIE a noroeste ao longo da Rodovia 9 para isolar o Corpo de Montanha da LI Alemã e suas três divisões, seguido por perto pela 92ª Divisão de Infantaria. A essa altura, 23 de abril de 1945, as fortes defesas dos Apeninos do norte estavam muito atrasadas e os alemães, fracos, desorganizados e derrotados, estavam em fuga (VILELA, 2013).

Segundo Rodrigues (2012), logo, a IV Corps, incluindo a divisão brasileira, estava no Vale do Pó, limpando a resistência alemã remanescente e reunindo milhares de soldados alemães que se renderam. Com a 34ª Divisão de Infantaria à sua direita, a 1ª Divisão de Infantaria do Brasil liderou o caminho até a Rodovia 9, fortemente apoiada pela 1ª Divisão Blindada. Em 29 de abril, os brasileiros haviam forçado a rendição de elementos significativos do Décimo Quarto Exército alemão, incluindo a 148ª Divisão de Infantaria,

elementos da 90ª Divisão Panzergrenadier e uma divisão fascista italiana. A capitulação completa estava a poucos dias de distância.

Naquele mesmo dia, 29 de abril, os brasileiros foram alertados para se mudarem para Turim e Alessandria para enfrentar o Corpo LXXV alemão, que supostamente estava se mudando da fronteira franco-italiana para o avanço do Quinto Exército. Esta força forte foi a única ameaça inimiga remanescente no norte da Itália. Para enfrentá-lo, três equipes de combate do FEB foram formadas (equipes de combate 1, 6 e 11). Os brasileiros fizeram um bom progresso, e a Equipe de Combate 11, comandada pelo brigadeiro. O Gen. Eyxlydes Zenobio da Costa, logo teve Alessandria sob controle. Equipe de Combate 6, sob Brig. O general Falconié da Cunha mandou patrulhas procurando os alemães, mas não encontrou nenhum. Aconteceria que, perseguido pelo exército francês e pelas forças guerrilheiras italianas pró-aliadas, o avanço alemão relatado havia sido recusado. Dois dias depois, em 2 de maio de 1945, os alemães na Itália se renderam (RODRIGUES, 2012).

Segundo Gilbert (2005), a Força Expedicionária Brasileira (incluindo a Força Aérea Brasileira, que incluía o 1º Grupo de Caça e um esquadrão de observação e de ligação) havia cumprido suas missões. O FEB havia capturado mais de 20.000 soldados inimigos e matado milhares de outras pessoas a um custo de 88 mortos, 10 desaparecidos, 486 feridos e 252 feridos não-combatentes, para um total de 836 mortos em uma batalha de abril de 1945.

A campanha completa na Itália custou ao Brasil 454 mortos, incluindo 14 desconhecidos, além de oito oficiais da força aérea. Dois outros estavam desaparecidos e presumivelmente mortos, e um corpo nunca foi recuperado. Assim, o custo total para o Brasil por sua participação no lado aliado na Itália foi de 465 mortos ou desaparecidos (GILBERT, 2005).

Em outras frentes, os brasileiros haviam contribuído com três escoltas de contratorpedeiros para proteger o tráfego comercial no Atlântico, escoltando 2.981 navios mercantes em 251 comboios transportando mais de 14 milhões de toneladas de suprimentos para as forças de combate. Nenhum navio escoltado pela Marinha do Brasil foi perdido para ação inimiga durante a guerra. Sua própria marinha mercante sofreu a perda de 31 navios afundados e 969 tripulantes mortos (GILBERT, 2005).

Após a guerra, o major-general João Baptista Mascarenhas de Moraes seria promovido ao cargo de marechal do exército e ocuparia o cargo até sua morte em 1968, aos 84 anos de idade.

Em 25 de junho de 1945, a Força Expedicionária Brasileira foi montada em Francolise, na Itália, aguardando o embarque para casa. Um grupo, conhecido como Força-

Tarefa Itália, permaneceria para ajudar na ocupação do país, mas a maioria das tropas partiria para o Brasil como tinham chegado – em escalões dependendo da duração de seus serviços no exterior e das necessidades do grupo (GILBERT, 2005).

De volta ao país, o Ministério da Guerra emitiu a Ordem 217-185, datada de 6 de julho de 1945, que determinava que, à medida que cada escalão voltasse para casa, estaria subordinado à 1ª Região Militar, efetivamente dispersando a Força Expedicionária Brasileira. Parando apenas uma vez em Livorno para pegar as esposas de soldados brasileiros que se casaram na Itália, a Força Expedicionária Brasileira voltou para casa e entrou na história (GILBERT, 2005).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Batalha de Monte Castelo foi um evento que aconteceu de 25 de novembro de 1944 a 21 de fevereiro de 1945, durante a campanha italiana da Segunda Guerra Mundial. Foi travada entre as forças aliadas avançando para o norte da Itália e os defensores alemães. A batalha marcou a entrada da Força Expedicionária Brasileira na guerra terrestre na Europa. Começando em novembro de 1944, o combate feroz se arrastou por três meses, terminando em 21 de fevereiro de 1945. Seis ataques aliados foram montados contra as forças alemãs, quatro das quais eram falhas táticas.

Posições de artilharia alemãs foram consideradas privilegiadas, sujeitando os Aliados a vigilância constante, impedindo qualquer progresso em direção a Bolonha e Vale do Pó. As estimativas eram de que o inverno seria duro, complicando a situação que já havia degenerado devido às chuvas e aos bombardeios, transformando as estradas em atoleiros.

Apesar da situação, o general Mark Clark, Comandante das Forças Aliadas na Itália, através das tropas do IV Corpo (do qual a divisão brasileira fazia parte), planejava libertar o caminho do 8º Exército Britânico em direção a Bolonha, antes das primeiras nevascas. .

O ataque final, apelidado de Operação Encore, empregou os brasileiros para ganhar o Monte e consequentemente expulsar os alemães. As táticas usadas seriam as mesmas que as de Mascarenhas de Moraes em novembro. Em 20 de fevereiro, as tropas da Força Expedicionária Brasileira estavam em posição de batalha, com seus três regimentos prontos para partir para Castello. Avançando para a esquerda dos brasileiros estava a elite americana da 10ª Divisão de Montanha, que tinha a responsabilidade de tomar o Monte Della Torraca e assim proteger o flanco mais vulnerável do setor.

O ataque final a Castello começou às 6 da manhã, 21 de fevereiro, com o Batalhão de Uzeda seguindo à direita, o Batalhão Franklin para a frente, com o Batalhão Sizeno Sarmento esperando nas posições privilegiadas que conseguiram durante a noite para se juntar aos outros dois batalhões. Como destacado nos planos do Encore, os brasileiros chegariam ao topo do Monte Castello às 18h00 no máximo – uma hora após o vencimento do Monte della Torraca para a 10ª Divisão de Montanha, evento marcado para as 17h00. O 4º Corpo acreditava que Monte Castello não seria levado antes de Della Torraca.

No entanto, às 17h30, quando o primeiro batalhão do 1º Regimento Franklin conquistou o cume de Monte Castello, os americanos não superaram a resistência alemã. Eles só realizariam isso durante a noite, quando as pracinhas já haviam completado sua missão e começavam a ocupar uma posição nas recém-conquistadas trincheiras e bunkers. Grande parte

do sucesso da ofensiva foi creditada à Divisão de Artilharia comandada pelo general Cordeiro de Farias que entre as 16h00 e as 17h00 do dia 22 fez uma barragem perfeita contra o cume do Monte Castelo, permitindo a movimentação das tropas brasileiras.

Com a vitória, a Força Expedicionária Brasileira entrou para a História. A atuação da FEB na Segunda Guerra foi de extrema importância para que os Aliados pudessem alcançar seus objetivos.

REFERÊNCIAS

BEEVOR, A. **A Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Record, 2004.

DOURADO, M. T. G. **Tropas femininas em marcha.** São Paulo: Vera Cruz, 2004.

GILBERT, M. **A Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Leya Brasil, 2005.

ROBERTS, A. **A tempestade da guerra.** São Paulo: Scipione, 2006.

RODRIGUES, A. J. **Segundo pelotão –** 8ª Companhia. São Paulo: Editora das Américas, 2012.

STAFFORD, D. **Fim de jogo, 1945.** São Paulo: Objetiva, 2015.

VILELA, T. **Brasil na Segunda Guerra:** Batalha de Monte Castelo: Vitória, volta da FEB e fim do Estado Novo. Disponível em: <www.educacao.uol.com.br>. Acesso em: 04 jul. 2018.